

Rusconi, R. (2013). *A grande recusa – Porque um Papa se demite*. Lisboa: Ed. Paulinas.

Rafael Baciano Sapato

Universidade Católica de Moçambique

rsapato@ucm.ac.mz

O autor, após o seu título, que julgo de certo modo aliciante e mesmo sensacionalista, abre o seu livro com um Prólogo situacional da renúncia do Papa Bento XVI. Deduzo a causa imediata do título do livro após entrar em contacto com uma introdução muito interessante e cativante, que convida o autor a seguir as páginas, associado ao facto de se tratar de um evento muito inesperado e que deixou o mundo atónito, provocando várias reações e tendo diversas interpretações e mesmo especulações; associado ao facto que o estado débil do Papa João Paulo II, seu predecessor, devido à saúde e idade, nos seus últimos momentos, foi motivo de propostas de renúncia por alguns círculos, ao que ele respondeu com a própria perseverança até à morte, facto que fez com que alguns deduzissem que um Papa não devia renunciar.

A obra é composta por um Prólogo, como foi referido, anteriormente, por cinco capítulos e uma Conclusão. No primeiro capítulo, o autor faz uma resenha das renúncias forçadas; no segundo capítulo, apresenta os condicionamentos do poder à liberdade da Igreja; no terceiro capítulo, aborda a grande recusa do Papa Celestino V; no quarto capítulo, intitulado “O Soberano Pontífice não pode abdicar”, mostra o cenário de Papas e antipapas: entre renúncias e deposições; no quinto e último capítulo, intitulado “A grande renúncia”, dedica-se a apresentar as razões que estão na base da renúncia do Papa Bento XVI.

A primeira renúncia legitimada remonta ao século XIII, na época do Papa Celestino V. No texto da renúncia do Papa Celestino V, reportado pelo autor, lê-se: “Eu Celestino V, Papa, considerando-me incapaz deste encargo, tanto devido à minha ignorância como à velhice e debilidade, e ainda pela vida puramente contemplativa que levei até aqui, declaro que quero abandonar este cargo, que não posso continuar a ocupar; abandono a dignidade papal, os seus deveres e as suas honras” (Rusconi, 2013, p. 62).

Em relação à renúncia do Papa Bento XVI, Rusconi começa por apresentar o perfil biográfico intelectual e religioso, muito invejável do Cardeal Joseph Ratzinger, que, mais tarde, se tornara o Papa Bento XVI, para, de seguida, se concentrar na génese da sua renúncia. Lendo com atenção a renúncia de Bento XVI, consegue-se perceber que esta se inscreve numa longa história.

O autor releva factos que aconteceram na Igreja durante o pontificado do Papa, desde o ataque à sua figura como Pontífice, algo nunca por ele esperado, sobretudo devido à sua proveniência, após a readmissão dos *Lefevrianos*, passando pelo surgimento de vários problemas morais, particularmente o caso dos grandes escândalos de pedofilia, e terminando com os problemas de articulação no governo da Igreja no seio da Cúria Romana, que tiveram como manifestação mais aguda o desaparecimento de documentos muito delicados da Igreja, em locais menos imaginados.

No texto da renúncia do Papa Bento XVI, cuja imagem vem na capa do livro, logo nas suas palavras introdutórias, dá-nos conta da razão principal que levou o autor a debruçar-se sobre a renúncia do Papa, como se pode ler: “Depois de ter examinado a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também e igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado” (Rusconi, 2013, pp. 5-6).

O meu juízo - Procurando perceber a finalidade da obra, julgo ser uma obra que procura serenar o povo perante o pânico que se gerou em alguns meandros, perante a renúncia do Papa Bento XVI, em fevereiro de 2013, acto que surpreendeu o mundo; sustendo que pode acontecer, ainda que não seja frequente, uma vez que o autor faz um percurso histórico da problemática da renúncia; procura trazer factos passados, demonstrando que não é facto único na história, pois, “As renúncias papais remontam desde o século XIII com a renúncia do Papa Celestino V em 1294, por incapacidade e velhice, como também apresenta outras tentativas de renúncia não consumadas” (Rusconi, 2013, p. 6).

Depois de ter evocado a razão histórica, isto é, “pode acontecer porque já aconteceu no passado”, avança para outro aspecto relacionado, não menos importante, o das motivações que podem levar um Papa a renunciar o governo da Igreja, ou, por outras palavras, porque é que um Papa se demite, como se refere no subtítulo. O que fica muito evidente, se não estou a trair o seu pensamento, nos motivos que o autor releva concernente às renúncias papais, é o facto que entre factores internos e externos, ao próprio Pontífice, parece que pesaram mais os externos. Uma renúncia papal é rodeada por uma dose de pressões externas de variadíssima natureza. Em algum momento do seu livro, o autor reporta casos de renúncias explicitamente forçadas, Papas que foram exilados, deixando naturalmente de exercer o ministério petrino.

O meu comentário crítico – Comparando, no texto, os casos de renúncia dos dois Papas, é-me difícil encontrar o fundamento do verbo recusar, que figura no título do livro. Se não, vejamos. No texto da renúncia do Papa Celestino V a frase-chave é “quero abandonar”; Enquanto, no caso de Bento XVI, em momento algum, refere que “recusa”, mas, devido ao seu estado frágil e de velhice, reconhece que já não se sente capaz de exercer a sua missão que lhe foi confiada.

Bento XVI evoca, no seu texto, forças, vigor, que foram diminuindo, conduzindo à sua incapacidade de acção, que, na minha opinião, está relacionado com o “poder fazer” algo ou com a capacidade, e não vontade ou “querer fazer” algo. O título não se adequa a este caso. Aqui estamos perante uma renúncia por incapacidade. É debilidade física que obriga o Papa a renunciar, isto é, a não continuar a governar a barca de Pedro.

Perante este cenário, custa-me entender a razão que levou o autor a colocar no título *A grande recusa*, mesmo o original em italiano *il grande rifiuto*, posto que recusar acontece antes de iniciar o que se propõe fazer, enquanto renunciar é deixar de fazer o que se vinha fazendo, o que é o caso dos factos reportados pelo autor. O título mais justo seria, na minha modesta opinião, *A grande renúncia*. Aliás, o livro apresenta as situações de renúncia, como

sendo um acto de rotura e não de recusa, que é um acto de aceitação ou assentimento. Portanto, o título é traído pelo conteúdo ou o conteúdo é distorcido pelo título. A não ser que o autor quisesse que o leitor deduzisse que se trata de recusa de continuar o governo da Igreja. Isto pode ser pacífico. Doutro modo trata-se de um juízo com alguma dose camuflada de condenação.